

Editorias universitárias, livros digitais e bibliotecas populares na gestão da CONABIP na Argentina

Ivana Mihal¹

Daniela Szpilbarg²

Resumo

Neste trabalho analisamos as vinculações entre o campo editorial e o campo das bibliotecas. Para isso, centramos o olhar sobre as bibliotecas populares na Argentina. Lá, as bibliotecas populares não são públicas e não são comunitárias. É um tipo particular de biblioteca que inclui a gestão por parte da cidadania e é muito forte institucionalmente na Argentina. As questões que cercam esta abordagem são: como as bibliotecas populares se nutrem atualmente de livros e de outros materiais de leitura? Qual é o lugar do livro e da leitura digital nessas instituições? Quais são as maneiras que as editoras têm de integrar os fundos patrimoniais das bibliotecas populares? E, neste contexto, qual é o papel da Comissão Nacional Protetora de Bibliotecas Populares (CONABIP) em relação a este setor do campo editorial? Com perspectiva qualitativa, o artigo integra fontes primárias mediante à entrevistas e observações participantes e fontes secundárias, tais como, informes da CONABIP, do setor do livro, entre outros.

Palavras chave: Campo editorial. Bibliotecas Populares. Políticas do livro. Editorias universitárias. Argentina.

Abstract

In this article we analyze the links between the publishing field and the field of libraries. For this we focus the view on the popular libraries in Argentina. The popular libraries are not public and do not belong to the communities. They are private and their managed by a citizenship and is very strong institutionally in Argentina. The questions involving this approach are: How do they nourish books –an do therreadingmaterials–nowadays to maintain these popular libraries?;.What is the place of the book and digital reading in these institutions? How do the Publishers operate the heritage funds of the popular libraries? And in this context, what is the role of CONABIP (NationalCommissionProtecting Popular Libraries) in this publishing field? With a qualitative perspective, the article integrates primary sources through interviews and participative observations and secondary sources such as reports from CONABIP, the book sector, among others.

Keywords: Publishingfield. Popular Libraries. Public policies of books. Universitypublishers. Argentina

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA), professora na Universidade Nacional de San Martín (UNSAM), Pesquisadora Adjunta (LICH-UNSAM-CONICET). Email: imihal@conicet.gov.ar

² Doutora em Ciências Sociais (UBA), professora na UBA e na Universidade de Três de Fevereiro (UNTREF). Pesquisadora Assistente (CIS-IDES-CONICET). Email: danielaszpilbarg@gmail.com

1 Introdução

Um rápido olhar sobre as bibliotecas e as editoras nos permite concentrar nosso trabalho numa perspectiva que pode ser inscrita nos estudos sobre a história da leitura e edição, ou naqueles ligados ao estudo das políticas de leitura e ao campo editorial, pois a leitura e a cultura escrita são âmbitos de conhecimento que invocam várias maneiras possíveis para o abordagem e, como diz Parada que “coadyuvan a desentrañar la diversidad de modalidades con las cuales dicha cultura impregna a la sociedad” (PARADA, 2013, p. 14).

Na tentativa de contribuir para esse desdobramento e a partir da reflexão sobre aspectos relacionados à política de livros e leitura, que é o pano de fundo em que este estudo é enquadrado, propomos abordar primeiro a relação entre editores e bibliotecas populares na Argentina, entre os anos 2017 e 2018. A intenção de circunscrever o escopo da análise, nestes dois últimos anos, baseia-se no fato de que as mudanças ocorridas nas políticas públicas, inclusive culturais, tiveram impacto no desenvolvimento dessas bibliotecas. Como veremos, as bibliotecas populares são organizações civis autônomas com um modelo de gestão associado. O Estado as apoia através da Comissão Nacional Protetora de Bibliotecas Populares³ (CONABIP). Embora não seja possível entrar em detalhes do orçamento econômico, como este estudo mereceria, é visível a diminuição dos orçamentos de programas e organismos da cultura como a CONABIP, ao contrário do que aconteceu nos anos anteriores com o estabelecimento de um conjunto de ações e discussões relativas ao setor cultural, o que significou progresso (embora houvesse questões a serem melhoradas) nas ações públicas de cultura⁴ (CALABRE e MIHAL, 2014). Além disso, a mudança nas políticas públicas também afeta fortemente o campo de publicação e faz parte do contexto crítico que atravessa livrarias, editores, entre outros atores no ecossistema do livro desde o ano 2015.

A partir desse momento, e dada a mudança de gestão governamental, as compras de livros por parte do Estado diminuíram muito, e a restrição à importação de livros foi suspensa. Somado a isso, a desvalorização do peso argentino e o aumento do custo dos insumos na indústria

³Atualmente, há aproximadamente 2000 bibliotecas populares, e cerca de 3000 voluntários.

⁴A CONABIP principalmente a partir de 2004 reestruturou sua estrutura, e fixo a elaboração de estratégias e planos do livro e leitura: com capacitação de recursos humanos, com orçamentos as bibliotecas populares, e com outras ações culturais.

editorial -em dólares- provocou uma crise no setor, o que foi agravado progressivamente pela recessão econômica no país. Neste contexto, de acordo com a Câmara Argentina do Livro (CAL), que inclui cerca de 550 pequenas e médias editoras, livrarias e distribuidores-, em 2016 a produção de cópias caiu pela metade; e havia pouco mais de 62 milhões de cópias produzidas enquanto o número de lançamentos começou a cair 5%. Em várias notas críticas do setor, afirma-se que, da mesma forma que em qualquer outro ramo produtivo nacional, a combinação da queda do consumo interno, causada pelo aumento do desemprego e pela redução dos salários reais, juntamente com os custos mais elevados derivados do aumento de serviços públicos, e desvalorização combinada com uma maior abertura de importação e uma queda de 50% nas compras públicas, resultaram em uma situação muito crítica para o setor. Em relação a esse panorama, na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires (FILBA) em 2017, a CAL lançou a campanha “SOS para o Livro Argentino” (BLEJMAR, 2017). Em vista desse cenário, é importante destacar que as editoras universitárias formam parte dele, como vamos voltar mais tarde.

Em segundo plano, com o presente trabalho, temos por objetivo descrever e analisar a situação da leitura e do livro digital nas bibliotecas populares. Partimos da hipótese de como a digitalização possibilita a disseminação da leitura para as bibliotecas, “...levanta problemas ao nível da seleção de conteúdos, da compatibilidade de sistemas, dos custos requeridos e também da própria adequação dos enquadramentos legais existentes” (MARTINHO, LOPES e GARCÍA, 2016, p. 9). Neste sentido, a visão tradicional das bibliotecas, como instituições encarregadas de preservar o patrimônio bibliográfico, não leva em conta outros propósitos, como o de apoiar as novas e não tão novas formas de leitura e diferentes iniciativas de leituras desenvolvidas.

Nosso interesse é focar nas ações e suas limitações para o acréscimo das propostas de leitura digital no âmbito das bibliotecas populares que procura levar adiante a CONABIP, o qual é um assunto relevante na gestão pública das bibliotecas. No ano de 2018 a Biblioteca Nacional⁵ realizou treinamento on-line para digitalizar coleções das bibliotecas populares. A proposta é fazer a análise das diversas dimensões (políticas públicas, instituições educativas e mundo editorial) que convergem em compreender novas práticas associadas à digitalização de conteúdos textuais. Através deste artigo, vamos tentar responder às seguintes perguntas: Como as

⁵ Nos referimos à Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Para conhecer mais acesse: <https://www.bn.gov.ar/biblioteca/acerca/autoridades>

bibliotecas estão enfrentando esse paradigma? Que modificações implementam em sua estrutura, e que ferramentas digitais utilizam para fazer seus catálogos, para a circulação de textos e o relacionamento com os usuários?

Certamente o campo editorial e o campo das bibliotecas têm finalidades e interesses que os guiam diferentes, mas o objeto sobre o qual tratam num ponto é o mesmo: a leitura. No entanto, o campo editorial é mais amplo que as editoras que compreende como universitárias⁶, tanto como o campo das bibliotecas na Argentina é sumamente diverso. Por isso, na continuação apresentamos as principais características das bibliotecas populares – que as distinguem de outras bibliotecas– e sua relação com a CONABIP. No trabalho também apresentamos alguns aspectos característicos da CONABIP, organismo nacional na área de cultura. Depois nos concentramos na caracterização dos editores em nosso país, aliados fundamentais na biodiversidade das bibliotecas populares, para compreender as lógicas das ligações entre os dois setores durante o período 2017-2018. Os materiais em que nos baseamos neste artigo surgem do trabalho de campo que temos feito com entrevistas a diferentes atores e observações com participação em diferentes eventos tais como feiras do livro, e da utilização de fontes secundárias sobre o setor editorial e sobre as bibliotecas populares (informes da CAL; da Câmara Argentina de Publicações (CAP); do Centro de Estudos de Produção (CEP), etc.).

2 As bibliotecas populares e as editoras universitárias na gestão da CONABIP

Ao estudar as bibliotecas populares, o primeiro passo é precisar a complexidade destas instituições, e o segundo é ter em mente que elas possuem uma identidade que as diferencia de outras bibliotecas. As bibliotecas são as instituições centrais na definição e no desenvolvimento das políticas de leitura em nosso país. Têm por objeto os livros como outros modos de ler, onde a oralidade, as narrações e outras formas de apresentação dos textos têm lugar. Neste sentido, as bibliotecas populares são associações civis. De acordo com a Lei nº 23.3513/1986, elas devem ser constituídas como associações civis de caráter gratuito, ou seja, não são criadas e mantidas pelo Estado. Isso as diferencia das bibliotecas escolares, universitárias, inseridas na área de educação, e de outras do setor cultural como as bibliotecas públicas, inseridas institucionalmente

⁶ Cabe ressaltar que as editoras universitárias fazem distintas atividades de promoção da leitura (TOSTI, 2014) nas bibliotecas e em outros espaços, que não serão tidos em conta neste artigo.

no Estado, e as bibliotecas comunitárias, ligadas à instituições de saúde, centros sociais, entre outras.

Também há diferença em relação às bibliotecas de outras nações, como no Brasil, onde as bibliotecas públicas não têm historicamente uma identidade definida (MACHADO, 2010; MEDEIROS, 2010) e onde as bibliotecas comunitárias surgem a partir de um projeto individual ou coletivo (MACHADO e VERGUEIRO, 2010). No entanto, as bibliotecas populares também surgem de um projeto coletivo, mais o Estado, através da CONABIP⁷, responsável pela orientação e execução da política da promoção do livro, da leitura, e do desenvolvimento das bibliotecas populares em todo o país. O organismo tem papel importante através da concessão de benefícios e de subsídios para o apoio e a manutenção destas instituições em questões tais como: infraestrutura, equipamento tecnológico, provimento dos livros, pela compra descentralizada, e pelo Programa Livro%, capacitações, etc. (MIHAL, 2011). Embora sejam apoiadas pelo Estado, a sua organização e a sua gestão quotidianas dependem do trabalho principal do voluntariado e, em muito menor grau, do trabalho remunerado (MIHAL, 2012). E este é um ponto, que na história das bibliotecas populares não mudou, pois é o elemento central na sua constituição e na sua consideração como “populares”, como Planas (2017) observa em seu trabalho de pesquisa histórica sobre bibliotecas populares na Argentina. O fato de serem organizações não governamentais, deixadas à iniciativa dos membros das associações civis, torna-as potencialmente ativas, multifacetadas e originais.

Como dissemos, uma parte fundamental da CONABIP, em relação às bibliotecas, é o aumento do acervo de livros e material bibliográfico. Para isso, existem dois mecanismos. O primeiro é a compra descentralizada, através da qual a CONABIP adquire os livros e o material, anualmente, e os distribui para as bibliotecas. Esse mecanismo de aquisição de livros é comum em bibliotecas de qualquer tipo em nosso país, onde a seleção e a compra são geralmente realizadas pelo órgão do qual dependem administrativamente. Assim, as bibliotecas populares recebem, com maior ou menor intensidade, materiais de leitura desde a sua criação através deste mecanismo, bem como através de doações.

⁷ A CONABIP foi criada pela Lei N° 419 (1870), e é um órgão do setor cultural nacional. Para conhecer mais acesse: www.conabip.gov.ar

Por outro lado, o segundo mecanismo de incremento do patrimônio bibliográfico das bibliotecas populares é através do Programa Libro%, criado em 2006. Ele permite que as bibliotecas populares comprem livros com um preço mais baixo (em 2006 foram 50% de desconto) e de acordo com sua própria seleção (CÁNEVA, 2008). Cabe ressaltar que no site oficial da CONABIP figura o ano de 2005 como ano de início dessa política. O mesmo texto declara que por meio dela: “faz-se possível a participação de líderes e de bibliotecários e que “Isso inclui um subsídio para que eles possam viajar e adquirir material bibliográfico de sua escolha a preços especiais que são gerenciados com os principais editores nacionais presentes na feira”⁸. O dado mais significativo em torno disso é que a compra é feita dentro da estrutura da feira do livro, e que, para fazer tal compra, aqueles que gerenciam as bibliotecas populares viajam para a Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA). Essas compras, por sua vez, envolvem interações com o campo editorial de nosso país, um tópico sobre o qual nos concentramos em seguida.

“.... Com relação ao livro acabado e sua compra, a CONABIP, ao comprar livros, faz uma chamada para todos os editores, e dentro desses há muitos editores universitários (...) na compra centralizada, que é uma compra que fazemos a cada ano e meio, mais ou menos. Na compra centralizada, a CONABIP não tem tendência a comprar livros didáticos em geral, não universitários, mas sim educativos em geral, por várias razões. A primeira é porque as bibliotecas fazem isso de forma independente e de acordo com suas necessidades (...). Então, essa é a primeira, essa certa especificidade, é muito difícil comprar livros que tendem a ter mais vocação para o local. A segunda razão é porque tentamos desagregar o ensino, porque por muitos anos, eu acho que agora é muito parcialmente a ser feito e no ano passado, o primeiro não foi feita diretamente, o Ministério da Educação comprou livros. Então parece-nos que o comprador natural da bibliografia universitária é o Ministério da Educação” (Comunicação pessoal, Leandro De Sagastizábal, presidente da CONABIP, 03 de abril de 2018).

Como podemos observar, as compras da CONABIP para as bibliotecas populares são de caráter geral, o que significa que não há uma especificidade na relação com a educação, a literatura infantil, a ficção ou coma história, por exemplo. O investimento é cultural, pois educação em nível nacional é outro organismo do Estado.

⁸ Disponível em: <http://www.conabip.gov.ar/node/88#overlay-context=node/90>

É discutível o papel das editoras universitárias nesta menção porque elas não só publicam livros para estudantes, em vez disso, muitas delas publicam livros para leitores públicos em geral (cfr. Ficção). Além disso, o Programa Livro% foi significativo para as bibliotecas populares porque elas têm o poder de decisão sobre seus acervos, na FILBA⁹. Mas antes de continuar, é conveniente que façamos alguns esclarecimentos preliminares sobre como o campo editorial é constituído em nosso país. Em relação às editoras, estas são empresas de diferentes tamanhos, tipos, capitais, tópicos e consolidação no tempo. A Câmara Argentina de Publicações (CAP) distingue as editoras de nosso país de acordo com três categorias: por tipo de negócio, por trajetória e por tamanho. Por tipo de negócio inclui as: “Publicação Comercial Ativa” (são organizações empresariais cujo propósito é publicar e vender os livros que eles publicam); “Edições do autor” (livros financiados pelo próprio autor); “Editoras Universitárias” (são aquelas que publicam livros de interesse acadêmico, tese de doutoramento e obras de pesquisa, com o mínimo de exceções. Não são financiadas com a venda de seus livros); “Edições de Organismos Públicos” (formada pelas publicações de ministérios e secretarias, de entidades autárquicas e todos os tipos de departamentos públicos nacionais, provincial e municipal); e “Edições ocasionais” (aparecem e desaparecem com publicações esporádicas, como empresas privadas com anuários, organizações não-governamentais, museus e, de uma forma muito volumosa, comunidades religiosas) (CAP, 2015).

O conjunto destas editoras é profundamente desigual e nem todas elas participam da FILBA e, quando o fazem, não ocupam o mesmo espaço ou localização. Deve ser lembrado que a Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, que acontece todos os anos, é organizada pela Fundação O Livro, em uma área de 45.000 m², no centro da Cidade Autônoma de Buenos Aires. O evento reúne milhares de pessoas, leitores e profissionais do mundo dos livros da Argentina e do exterior. Como qualquer feira internacional, a localização dos editores é desigual tanto em termos de sua centralidade nos pavilhões, quanto no tamanho dos stands, de acordo com o custo do metro quadrado. Consequentemente, a Feira é um reflexo, em escala, da estrutura e da dinâmica do mercado nacional de livros. Nesse sentido, os dois grandes grupos editoriais transnacionais que têm uma subsidiária na Argentina: Planeta e *Penguin Random House* ocupam imensas posições no pavilhão central da Feira, o Pavilhão Verde no Plano geral da FILBA

⁹ A FILBA é uma feira mista (com atividades para o setor profissional e para o público em geral), que acontece na Cidade Autônoma de Buenos Aires, todos os anos, desde 1975, durante abril e maio.

(2017), com dezenas de funcionários e um aparato de propaganda que está longe de outros editores¹⁰. Enquanto as médias e pequenas editoras, de capital nacional, menos poderosas em termos econômicos, aparecem nas laterais. Além disso, em numerosas ocasiões precisam se reunir em bancadas coletivas para poder enfrentar os custos de participação na Feira (SZPILBARG, 2017).

Sobre esses agrupamentos coletivos – que em muitos casos levam nomes específicos– em 2017 pudemos encontrar o espaço coletivo da LUA (Livraria Universitária Argentina) que agrupava a produção de várias editoras universitárias, assim como as bancas: "Sólidos platônicos", "Todos os livros são políticos", "A sensação", "A cooperativa" "Os sete logos" e "Frente Editorial latino-americano", que juntos agrupavam cerca de 60 editorais. Este é um fenômeno recente porque a Feira Internacional do Livro de Buenos Aires começou, em 2012, a ser povoada de *stands* coletivos compostos por seis a 20 editoras independentes, o que permite que 60 pequenas editoras participem profissionalmente nos diferentes espaços, com treinamento e intercâmbio.

A localização dos stands e a organização dos mesmos exteriorizam o campo local dos editores e as ligações econômicas e simbólicas que unem os diferentes selos editoriais. Embora não haja dados estatísticos sobre isso, a maioria das compras feitas por bibliotecários na FILBA são destinadas a selos e grandes editoras transnacionais, como pode ser visto nas longas filas de bibliotecários que esperam fazer suas compras nesses stands, enquanto grande parte da Feira

¹⁰Sobre a situação de concentração do sistema editorial argentino, podemos mencionar que desde o final da década de 1990, os atores transnacionais desenvolveram uma concentração na edição e na cadeia de marketing e uma reestruturação do consumo com novas estratégias de vendas e publicidade. Nos anos noventa, empresas estrangeiras entraram no mercado argentino. Os grandes grupos editoriais desembarcaram no país, absorvendo os editores locais em um processo de expansão em toda a América Latina. Entre 1998 y 2000 o grupo espanhol Planeta (que controlava o 20% do mercado argentino) adquiriu Emecé, Tusquets, Minotauro, Paidós, Seix Barral, Ariel, Espasa-Calpe, Crítica, Temas de Hoy, Destino y Martínez Roca (DE DIEGO, 2007; BECERRA, HERNÁNDEZ e POSTOLSKI, 2003; CEP, 2005; BOTTO, 2006). Sudamericana, segunda empresa do setor em vendas, sela a perda de competitividade da indústria editorial argentina contra as transnacionais quando foi adquirida em 1998 pelo grupo alemão Bertelsmann, dono da RandomHouse, Grijalbo, Mondadori, Lumen, Debate y Plaza y Janés (DE DIEGO, 2007; BECERRA, HERNÁNDEZ e POSTOLSKI, 2003; CAL, 2003; CEP, 2005). O grupo espanhol PRISA adquiriu Santillana, Alfaguara, Taurus, Aguilar, Altea y Richmond Publishing. Por outro lado, dos capitais colombianos, em 1994 o grupo Norma adquiriu Kapelusz, que acrescenta à aquisição de Tesis em 1991. O grupo Zeta-Ediciones B absorve Javier Vergara Editores. Também o grupo francês Havas, proprietário da Alianza e da Larousse, intervém. Segundo dados do CEP de 2005, 86% das empresas que compõem o faturamento setorial recebem menos de 10 milhões de pesos, enquanto apenas 14% superam esse valor. Esse percentual menor é formado por grandes editoras de capital estrangeiro que controlam 75% do mercado (CEP, 2005; BOTTO, 2006; DE DIEGO, 2006).

Ivana Mihal; Daniela Szpilbarg

permanece vazia. É por isso que De Sagastizábal, desde a gestão da CONABIP, também se referiu à iniciativa da FED, Feira de Editores, que reúne anualmente cerca de 200 pequenas e médias editoras nacionais, para constituir um espaço amais para o intercâmbio e divulgação de suas notícias com o público e com membros das Bibliotecas Populares.

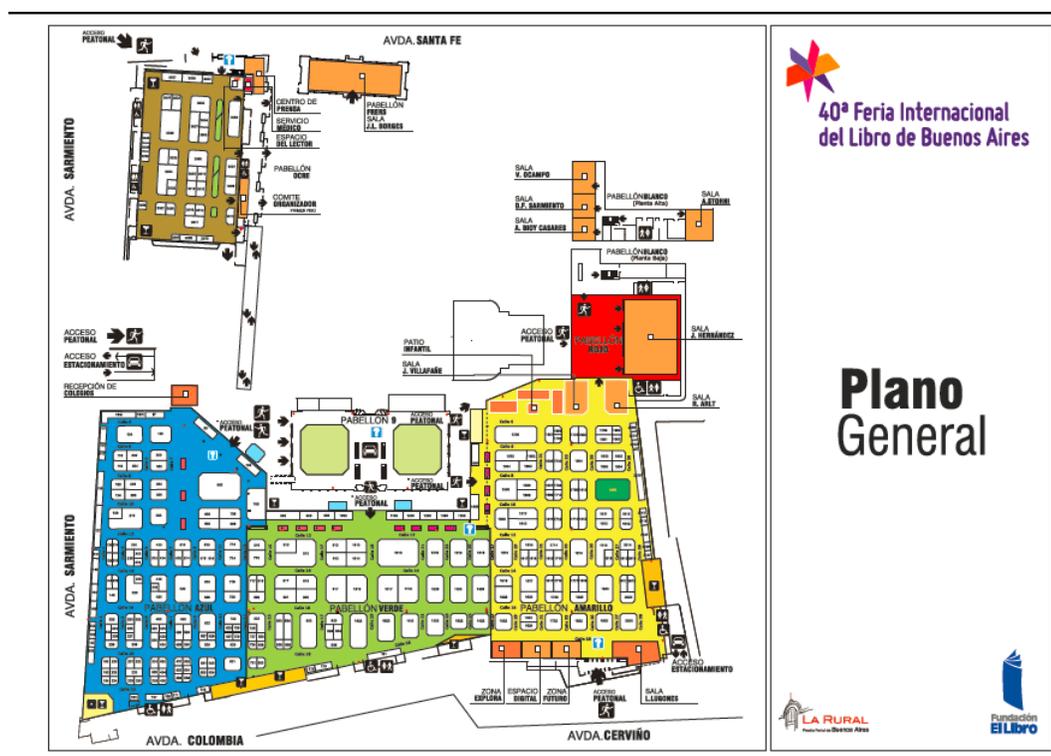


Figura 1

Plano geral da FILBA (2017)

Este evento expressa, então, um dos desequilíbrios que existem no espaço argentino do livro: um crescente entre grandes editoras e livrarias, que monopolizam porções crescentes do mercado, e pequenos e médios livreiros. Outro desequilíbrio histórico é o geográfico, que existe entre a Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA) e seus arredores que concentra mais de 80%

da produção e da venda comercial de livros, e o restante do país onde a ausência de livrarias faz parte da realidade de centenas de cidades e vilas (DUJOVNE, 2016).

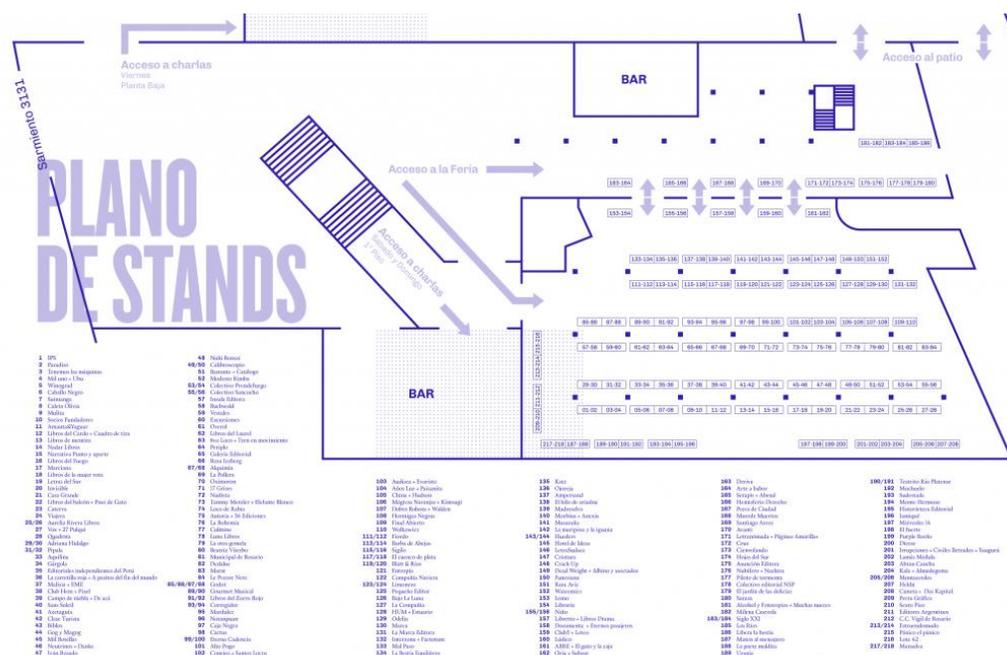


Figura 2

Plano geral da FED (2018)

Cabe ressaltar que a maior compra que fazem as próprias bibliotecas populares é nesse marco da FILBA. Só aquelas que não chegam com a rendição de subsídios diante a CONABIP para participar na FILBA, têm seu orçamento depois para ir a feiras como a FED ou de outras que acontecem em diferentes províncias e cidades do país. E, como exposto por uma editora pequenada província de Córdoba no “Fórum de Editores” (Villa María, 2018)¹¹, as bibliotecas escolhem as editoras mais conhecidas que geralmente não são “independentes”, ou são aquelas que têm mais experiência no país. Segundo ela, isso é reforçado quando as editoras são do

¹¹ Observação com participação no Fórum de Editores “A edição de livros na crise argentina”, cuja organização estava a cargo da editora universitária EDUVIM, 12 y 13 de outubro, Villa María, Córdoba.

interior do país, ou do “interior do interior”, referindo-se aos editores que não fazem parte das grandes cidades, dada a grande concentração na região metropolitana (CABA e Província de Buenos Aires), com o qual é difícil contar com matérias locais para fornecer a bibliodiversidade. Além disso, duas questões em relação ao FED devem ser destacadas. Uma, a diferenciação de poder da FILBA não é observada no Plano Geral da Feira de Editores (2018). Outra, os custos para participar de uma ou outra feira são terrivelmente diferentes¹².

De acordo com o atual presidente da CONABIP, durante sua gestão, com ajuda das tecnologias digitais, os editores puderam fazer parte de um site chamado "Editoriais Livro%". Este site é um espaço que visa facilitar a troca de informações, tanto entre editores quanto entre bibliotecas, e “otimizar os processos de compra antecipada”. Esta iniciativa surge de um pedido permanente de bibliotecas e editores ao longo das edições do livro%”¹³. Neste sentido, a CONABIP procura dar maior visibilidade aos catálogos, às novidades e às promoções dos editoriais que se registram nessa plataforma:

"Temos desde o ano passado (2017)..., criamos uma variante muito nova, criada aqui pelo setor da comunicação de CONABIP, muito inovadora, que este ano a tornou mais sofisticada e que o primeiro dia de implementação deste ano já marcou 37 editoriais, que é o seguinte: um microsite, o que significa, que os editores podem colocar sua oferta lá e até incluir uma oferta promocional, se quiserem, ou um 2 x 1, ou seja, se você comprar 5 nós compramos isso e isso, você compra três livros ..." (Comunicação pessoal com Leandro De Sagastizábal, presidente da CONABIP, 03 de abril de 2018).

No entanto, a incidência da tecnologia da informação e da comunicação não só assume relevância em relação à divulgação dos catálogos dos editores, mas também em relação aos textos e aos suportes de leitura, como os livros digitais comumente chamados *ebooks*, sobre os quais daremos conta abaixo.

3 A gestão das editoras universitárias e das bibliotecas populares em face à digitalização

Não há dúvida, como afirmam Costa e De Sagastizábal (2016), de que, na última década, as editoras de universidades públicas cresceram em número os selos editoriais ativos (de 2005 a

¹² Um stand no FED, este ano custou 3.000 pesos. O m2 na FILBA muito mais, a partir de 6000 pesos: https://www.el-libro.org.ar/wp-content/uploads/2018/09/45_anexo_final.pdf

¹³ O enlace possibilita buscar no site os editoriais: <http://editoriales.conabip.gob.ar/>

2012, de 12 a30); na criação da Rede de Publicações das Universidades Nacionais (REUN) e da Livraria da Universidade Argentina (LUA); na participação de alguns de seus membros nas câmaras profissionais do setor editorial, em algumas políticas de apoio público específicas ao setor; na presença em feiras de livros nacionais e internacionais; na geração de espaços de formação profissional e na formação acadêmica. Como parte do processo de expansão e profissionalização mencionado pelos autores, podemos adicionar o compromisso de alguns editores universitários com a digitalização (como por exemplo, a UNSAM Edita, a EDUVIM e a EUDEM¹⁴, são algumas das editoras universitárias que operam no formato digital e que, inclusive, orientam com capacitações a outras¹⁵; ou oferecem o seu catálogo online para a compra na web de livros impressos¹⁶; e procuram apontar¹⁷ a incidir no âmbito da leitura digital.

De acordo com Roger Chartier (2006), os distintos apoios materiais da escritura foram aqueles que, em diferentes momentos, cumpriram a função de acalmar o medo da perda. A análise das transformações na produção e na circulação de livros na atualidade permite não só historiar essas mudanças na cultura escrita, como também permite problematizar as noções de *texto*, como um documento escrito que tenha uma certa forma física. Darnton, que já considerou nos anos 80 o circuito do livro, refere-se à "história social e cultural da comunicação através da imprensa" (DARNTON, 2010, p. 117). O autor leva em conta a experiência dos leitores e afirma que a história do livro é um campo de estudos que começa desde o momento da invenção da tipografia de Gutenberg até as transformações na cultura escrita através da incorporação de novas tecnologias em nosso tempo. O interessante é pensar como esse esquema, que data de algumas décadas atrás, deve ser considerado novamente à luz das transformações, geradas pela digitalização na atualidade, que alteram o esquema de livro impresso, abrindo o circuito para livros eletrônicos, e para um número de atores como desenvolvedores de software, bem como de plataformas de venda online, que Darnton não teria imaginado em 1982 (SZPILBARG, 2018).

¹⁴ EUDEM por exemplo tem no site web o download gratuito de livros digitais. Disponível em <http://www.mdp.edu.ar/index.php/institucional/areas-rectorado/secretaria-de-comunicacion-y-relaciones-publicas/eudem/libros-digitales-descarga-gratuita>

¹⁵ UNSAM Edita forneceu treinamento em edição estruturada XML-TEI para outros editores universitários no país. Disponível em <http://noticias.unsam.edu.ar/category/unsam-edita/>

¹⁶ Tal é o caso da editora da UNQ, que tem a venda em um clique de livros da web como um aviso em seu site. Disponível em <http://www.unq.edu.ar/noticias/3544-venta-por-internet-los-libros-de-la-unq-a-un-clic.php>

¹⁷ Não todas as editoras das universidades nacionais têm a suficiente estrutura, desenvolvimento, recursos humanos, e institucionalização para afrontar projetos de produção do livro digital (MIHAL, 2018).

Dessa forma, a digitalização, as tecnologias da informação e da comunicação transformam definitivamente a paisagem das indústrias de conteúdo. O setor editorial e a publicação de livros movem-se em uma indústria de movimentos lentos, localizada em direção a um mercado mais aberto, global, leve e mais líquido (HUTNIK, 2012). Com a possibilidade da edição digital e o desenvolvimento dos dispositivos de leitura, as consequências potenciais para o formato impresso são debatidas globalmente. Dada a multiplicidade de possibilidades do livro digital, o livro físico, como suporte legítimo, aparece fortemente questionado e transformado em sua forma clássica. Isso é especialmente verdadeiro em livros acadêmicos, de modo que os vínculos entre conhecimento e livros são modificados¹⁸.

Leandro de Sagastizábal (2017) afirma que o mundo digital tem oferecido respostas positivas e grandes oportunidades para a edição universitária. Para começar, ele afirma que a publicação digital aparece como uma opção para um conjunto de materiais produzidos na universidade que não podem ser produzidos no papel porque sua demanda seria insuficiente. Por outro lado, ele também menciona que dos possíveis mundos leitores, "aquele que tem mais hábito de acessar a internet é o mundo acadêmico. É por isso que na digitalização existe uma possibilidade interessante de edição". Para ele, que antes de ser presidente da CONABIP, teve uma presença significativa no mundo editorial ao longo de sua carreira, o digital está intimamente ligado às necessidades do mundo universitário. O suporte digital é uma ferramenta que permite dar visibilidade às produções que merecem ser acessadas (como teses ou compilações de conferências), mas que não possuem um tratamento digital ou uma alta demanda.

Por outro lado, ele afirma que o *e-book* permite corrigir problemas de distribuição. Além disso, destaca as possibilidades que o livro eletrônico tem de incluir links para outros repositórios, ou de ter complementos na web que enriqueçam o livro através do link para imagens ou da inserção de vídeos. Finalmente, um ponto que destaca De Sagastizábal é o fato de que as páginas web e as redes sociais (Facebook, Twitter ou Instagram) permitem que as notícias sejam divulgadas. Este autor considera que publicar *ebooks* não é simplesmente pendurar *ebooks* no site web da editora. É preciso "definir previamente um modelo de negócio: venda de acesso a cada

¹⁸ Essas transformações -que ocorrem primeiro no mundo anglo-saxão, e que depois são incorporadas na Espanha e na América Latina, produziram diferentes mudanças na tradicional cadeia de valor do livro e no seus principais atores: autores, editores, livreiros, distribuidores, bibliotecas, etc. Da mesma forma, essas modificações implicaram mudanças nesses atores para adaptar (negociar ou resistir), ao processo de implementação ou coexistência com livros eletrônicos.ao processo de implementação ou coexistência com livros eletrônicos.

livro ou assinatura, distribuição através de lojas digitais (...) política de preços, e descontos, etc." (DE SAGASTIZÁBAL, 2017, p. 108-109).

Além disso, as inovações digitais também são visíveis no âmbito das práticas internas de gestão das bibliotecas, tanto por meio da preservação de arquivos e de bibliotecas quanto nas ligações com seus públicos, através do livro e a da leitura¹⁹. É por isso que os pesquisadores do campo da leitura falam da digitalização do mundo do livro e das bibliotecas como uma das maiores mudanças. Dado que gerou a criação de bibliotecas digitais (HERRERA, 2005) e os problemas daí derivados (HUTNIK, 2012). De forma concreta, o que a digitalização tem permitido é evoluir para a existência de uma biblioteca digital, que pode ser caracterizada como um conjunto de materiais em formato digital (texto, dados numéricos, vídeos, música), acessados através das redes.

A digitalização contém inúmeras vantagens em termos de coleções de livros ou arquivos históricos. Em primeiro lugar, ajuda a resolver o problema de acessibilidade, já que, quando é digitalizado, um documento pode ser utilizado por usuários simultaneamente, e de diferentes partes do mundo. Em segundo lugar, o fato de permitir a digitalização é a proteção das obras ao longo do tempo e a manipulação física que pode danificar os arquivos. Ou seja, como diz Herrera, preservação e acesso são objetivos conflitantes na era do papel. No entanto, podem ser harmonizados no mundo digital (HERRERA, 2005). Além disso, segundo ele, a digitalização de livros também começa a estar presente através do empréstimo das bibliotecas e pela presença de leitores digitais.

Numa entrevista com Juan Mendoza (2017), o historiador Roger Chartier também refletiu sobre este tema, em particular para pensar sobre o tema de fundos e catálogos e a gestão de bibliotecas no âmbito da digitalização. Para isso, parte da base de que não há equivalência entre papel e mídia digital. O digital requer a construção de outros objetos, além daqueles que conhecemos hoje (CHARTIER em MENDOZA, 2017). O digital favorece os problemas de

¹⁹ Por exemplo, nos referimos te ao acordo que em 2009 permitiu dotar de livros eletrônicos e um pequeno catálogo de títulos às bibliotecas que conformam a maior rede deste tipo de estabelecimentos nos EUA, a OCLC. A Sony ofereceu a cada um deles cinco leitores de *ebook* do modelo PRS-505 eo acesso a uma coleção de títulos variados, novos e genéricos, dentro de seu serviço *Sony Reader Mobile Collections*. A partir disso, as bibliotecas conseguiram fazer o download desses livros eletrônicos em seus computadores ou diretamente *notebooks* que podem fornecer tanto para uso interno quanto externo. As licenças dos livros também estão incluídas no empréstimo. No caso espanhol, para dar outro exemplo, as mais de 5000 bibliotecas públicas espanholas começaram a emprestar livros eletrônicos n 2014.

comunicação, além de proporcionar a possibilidade de novos formatos que precisam ser estudados e valorizados a partir de (novas) estratégias editoriais.

Neste sentido, o presidente da CONABIP considera a digitalização e a construção de objetos nas seguintes diretrizes do organismo, por um lado, por meio de um dispositivo criado pela editora universitária com a mais longa trajetória na Argentina, EUDEBA chamado Boris²⁰ e, por outro, através da leitura digital e da formação de leitores nas bibliotecas populares. Essas ferramentas digitais aplicadas à comercialização de livros digitais tornam visíveis uma estratégia que mostra que EUDEBA não só tem seu próprio leitor, mas também o utiliza como uma ferramenta para disseminar sua formação editorial. Isso último é possível de advertir nos livros que EUDEBA tem no Boris ou crédito para adquiri-los. Como Leandro de Sagastizábal observa, "ao mesmo tempo que é uma ferramenta de leitura, é uma ferramenta para promover seus livros" (comunicação pessoal, 18 de março de 2018). O Presidente da CONABIP acrescenta um fato que está em linha com vários dados que falam de restrições geográficas regionais (DUJOVNE, 2018). Neste sentido, De Sagastizábal afirma que Boris é um leitor muito econômico que permite levar a leitura digital para as populações que cercam as bibliotecas populares. Ele diz que a CONABIP tenta implementar e promover a presença de leitores digitais em bibliotecas.

".... Nós tentamos que a Biblioteca Popular desenvolva programas de leitura. É muito interessante ter um leitor, econômico em seus custos, em seu preço, com fácil acesso, para que as bibliotecas também possam levar as populações que as cercam à leitura digital. (...). É muito comum que crianças que possuem computadores ou celulares acessem materiais de lá, mas é menos comum ter acesso por meio de um leitor digital em uma biblioteca. Estamos (...) conversando com EUDEBA para poder implementá-lo. (...). Há outro problema que é importante, (...), eu digo para pensar em termos de setores populares, não só pensar apenas em termos da classe média da universidade (...) que, em geral, obviamente, tem um computador ou tem leitores e tem conexões, mas há o problema da conexão à internet(...). Nós [CONABIP] damos um subsídio para conexão à internet (...)" (Comunicação pessoal com Leandro De Sagastizábal, presidente da CONABIP, 18 de março de 2018).

²⁰*Boris é o primer leitor digital* de um editorial universitário argentino, que saiu ao mercado no ano 2015 com dois modelos distintos de leitor de livros electrónicos: um com tinta eletrônica Kindle e outro com a tela do dispositivo de cor. Esses leitores se juntaram na plataforma editorial de textos digitais. Esta editora histórica foi, assim, a primeira a ter dispositivos eletrônicos próprios para o seu catálogo. Ambos dispositivos têm à disposição um site para títulos digitais (Biblioteca Digital Eudeba).

No entanto, existem alguns problemas de natureza diferente que surgem ao desenvolvimento de leitura digital em bibliotecas populares, tais como: a questão da Internet, que existe atualmente, mas é limitada, o problema de treinamento dos bibliotecários, além de decisões orçamentárias envolvidas nesse processo. Esse conjunto de problemas leva novamente a refletir sobre o papel do Estado nas políticas relativas ao mundo dos livros e das políticas de expansão do público leitor, seja em papel ou digital.

4 Considerações finais

Neste artigo refletimos sobre o papel do Estado no campo da publicação nacional, da gestão da CONABIP e seu apoio às Bibliotecas Populares em relação às políticas de leitura digital e de livros. Também passamos pelas principais questões relacionadas aos editores universitários e à maneira como as práticas digitais podem afetar as ferramentas que esse setor possui.

Observamos a forma como a edição universitária foi organizada nos últimos anos e a presença da digitalização como uma nova ferramenta neste processo de profissionalização dos editores, nos processos de publicação e de produção, de comunicação e de distribuição. O projeto EUDEBA é novamente emblemático neste contexto. Ele retoma seus ideais de publicar e divulgar livros baratos (ideia com a que surge esta editora), mas através do ambiente digital, criando seus próprios canais para ler e vender livros eletrônicos. Isso facilitou a comunicação com a administração da CONABIP quanto à possibilidade de ser incorporada às bibliotecas e às práticas de leitura digital. Mas também mostramos como outras práticas ligadas à digitalização surgiram em diferentes editoras de universidades nacionais, lado a lado com sua profissionalização.

No entanto, como percebemos, incluir a leitura digital, como parte das bibliotecas populares e o gerenciamento da CONABIP, envolve não apenas concentrar-se em equipar dispositivos digitais e livros, mas também levar em conta o contexto mais geral (conectividade, custos, e políticas de escopo mais amplas). Nesse sentido, as bibliotecas populares têm sua própria particularidade por serem associações civis e por suas decisões, tanto na inclusão da leitura digital quanto na incorporação de livros e materiais sobre patrimônio bibliográfico de editores independentes e editores universitários.

Ivana Mihal; Daniela Szpilbarg

Referências bibliográficas

BECERRA, Martín; HERNÁNDEZ, Pablo; POSTOLSKI, Glenn. La concentración de las industrias culturales. In **Industrias culturales: mercado y políticas públicas en Argentina**. Buenos Aires, Ediciones CICCUS y Secretaría de Cultura de la Nación, p. 55-84, 2003. Disponível em <http://www.portalcomunicacion.com/both/opc/argentina2003.pdf>

BLEJMAR, Julián. Ni alpargatas, nilibros. **Página 12**, 17/06/2017. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/44777-ni-alpargatas-ni-libros>. Acesso em: 17 jun. 2017

BOTTO, Malena. 1990-2000. La concentración y lapolarización de la industria editorial. Em De Diego, Jose Luis. **Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, p. 209-249, 2006.

CALABRE, Lia; MIHAL, Ivana. Apontamentos sobre a História e a inclusão nas políticas culturais no Brasil e Argentina nas últimas três décadas. Apresentação no **V Seminário Internacional de Políticas Culturais**. Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 7, 8 e 9 de maio de 2014.

CÁNEVA, Martín (2008). Las BP de la Argentina: realidades y desafíos. Apresentação no **I Congreso Nacional de Bibliotecas Públicas. El papel de la Biblioteca Pública em el Desarrollo del País**. Bogotá, 26 al 29 de agosto, 2008.

CEP (Centro de Estudios para la Producción). **La industria del libro en Argentina**. Buenos Aires: Secretaría de Industria, Comercio y Pequeña y Mediana Empresa, Ministerio de Economía y Producción, 2005. Disponível em: <https://es.scribd.com/document/249734781/CEP-La-Industria-Del-Libro-en-Argentina>

CHARTIER, Roger. **Inscribir y borrar**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

COSTA, Flavia; De SAGASTIZÁBAL, Leandro. Las editoriales universitarias: los caminos de la profesionalización. **Anuario CEEED** 08 (08): 157-182, 2016. Disponível em: http://bibliotecadigital.econ.uba.ar/download/aceeed/aceeed_v8_n8_06.pdf

DARNTON, Robert. **El beso de Lamourette. Reflexiones sobre historia cultural**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

DE DIEGO, José Luis (comp). **Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2000)**. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2006.

De SAGASTIZÁBAL, Leandro. La edición universitaria. In ESTEVES Fernando; PICCOLINI, Patricia. **La edición de libros en tiempos de cambio**. Buenos Aires, Paidós, 2017.

DUJOVNE, Alejandro. UNSAM Edita em El paisaje editorial argentino: una mirada desde su catálogo. Apresentação em **UNSAM Edita festeja sus 12 años**. Campus Miguelete, San Martín, 22 de junio, 2018.

DUJOVNE, Alejandro. Frankfurt, hablame de mí. En **Revista Anfibia**, 2016. Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/frankfurt-hablame-de-mi/>. Acesso em: 23 out. 2018.

HERRERA, José Luis. El Libro Antiguo como objeto de Arte y la Digitalización. **Razón y Palabra**, vol. 10, N° 45, junio-julio, 2005. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n45/jherrer.html>

HUTNIK, Elizabeth. Reproducción, norma y valor em el entorno digital: Google Books o la biblioteca de la discordia. Apresentação no **I Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición**. La Plata, 31 de octubre, 1 y 2 de noviembre de 2012. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/31101/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 15 dez. 2018.

MACHADO, Elisa Campos. Análise de políticas públicas para bibliotecas no Brasil. In **Revista da Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, N° 1, p. 94-111, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42307> . Acesso em: 30 mar. 2012.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. **CRB-8 Digital**, v. 3, n° 1, p. 3-11, 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/64745>. Acesso em: 30 mar. 2012.

MARTINHO, Teresa Duarte; LOPES, João Teixeira; GARCÍA, José Luís. Introdução. In Martinho, Teresa Duarte; Lopes, João Teixeira; Garcia, José Luís (Orgs.) **Cultura e digital em Portugal**, p. 9-116. Lisboa: Edições Afrontamento, 2016.

MEDEIROS, Ana Lúcia. Biblioteca e cidadania. **Sinais Sociais**, v.4, n° 33, p. 10-45, 2010. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/682/1/MEDEIROS%2C%20A.%20L.%20-%20Biblioteca%20e%20cidadania%20-%20Sinais%20sociais.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

MENDOZA, Juan. Entrevista a Roger Chartier: Leer en papel contra leer en pantalla. **Revista Ñ**, 05/04/2017. Disponível em: https://www.clarin.com/revista-enie/literatura/roger-chartier-leer-papel-leer-pantalla_0_B1rYwDh3e.html. Acesso em: 05 abr. 2017.

MIHAL, Ivana. Lectura digital y lecturatransmedia: pensando el lugar del libro y de las editoriales universitarias. Apresentação no **IX Congreso Latinoamericano de Enseñanza del Diseño**, Universidad de Palermo (UP), CABA – Argentina, 30 De Julio al 1 de agosto de 2018.

MIHAL, Ivana. Saberes, concepciones y prácticas acerca de los actores que gestionan las políticas culturales de lectura. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 38, jul./dez, 2012.

MIHAL, Ivana. Lógicas burocráticas, notas y documentos. Las bibliotecas y el sector cultural. **Revista del Museo de Antropología**, 4: 295-304, 2011.

Memória e Informação, v. 2, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2018

Ivana Mihal; Daniela Szpilbarg

PARADA, Alejandro. Introducción. Lo impensado y la realidad: la Historia de la Edición y de la Lectura en la Argentina. In Parada Alejandro (dir.) **Cruces y perspectivas de la cultura escrita en la Argentina: Historia de la Edición, el Libro y la Lectura**. Buenos Aires, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, p. 9-26, 2013.

PLANAS, Javier (2017). **Libros, lectores y sociabilidades de lectura. Una historia de los orígenes de las bibliotecas populares en la Argentina**. Buenos Aires: Ampersand.

SZPILBARG, Daniela. Políticas editoriales y digitalización en el contexto de la profesionalización de las editoriales universitarias en Argentina (2010-2015). El caso de EUDEBA y el lector digital "Boris". Apresentação no **IX Congreso Latinoamericano de Enseñanza del Diseño**. Universidad de Palermo. CABA, 30 de julio al 1 de agosto, 2018.

SZPILBARG, Daniela. Políticas editoriales, autogestión y asociativismo en la edición argentina contemporánea (2012-2017). Apresentação nas **Jornadas Políticas Editoriales de la Biblioteca Nacional**, Buenos Aires, 1, 2 e 3 de Nov, 2017.